



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA- UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - DH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

VANDERLEY BATISTA DE SOUZA

**OFÍCIO DE SAPATEIRO:
FABRIQUETAS DE CALÇADOS NO BAIRRO DE JOSÉ
PINHEIRO**

**CAMPINA GRANDE - PB
2014**

VANDERLEY BATISTA DE SOUZA

**OFÍCIO DE SAPATERIO: FABRIQUETAS DE CALÇADOS NO
BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO**

Trabalho Acadêmico Orientado e
apresentado para atender as necessidades
de conclusão do Curso de Licenciatura
Plena em História da Universidade Estadual
da Paraíba a fim de obter a titulação de
licenciado em História.

ORIENTADORA: MS. MARIA JOSÉ SILVA OLIVEIRA

CAMPINA GRANDE- PB
2014

S719o Souza, Vanderley Batista de.

Ofício de sapateiro [manuscrito] : fabriquetas de calçados no bairro de José Pinheiro / Vanderley Batista de Souza. - 2014.
62 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Maria José Silva Oliveira,
Departamento de História".

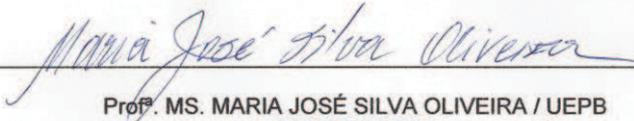
1. História local 2. Fabriqueta. 3. Sapateiro. 4. Fábrica de calçados. I. Título.

21. ed. CDD 904

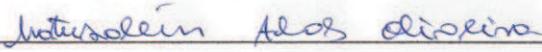
VANDERLEY BATISTA DE SOUZA

**OFÍCIO DE SAPATERIO: FABRIQUETAS DE CALÇADOS NO
BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO**

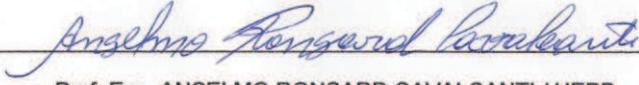
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. MS. MARIA JOSÉ SILVA OLIVEIRA / UEPB
ORIENTADORA



Prof. Dr. MATUSALÉM ALVES OLIVEIRA / UEPB
EXAMINADOR



Prof. Esp. ANSELMO RONSARD CAVALCANTI / UEPB
EXAMINADOR

APROVADO EM: 27/02/2014.

**CAMPINA GRANDE- PB
2014**

DEDICATÓRIA

Dedico essa obra a minha mãe, a mais virtuosa das mulheres, meu pai, o mais digno homem que já conheci pessoas que estiveram sempre ao meu lado nos bons e nos maus momentos da minha vida, apoiando-me e dando força para seguir em frente e nunca desistir. Quero sempre honrar vossos nomes e dedicar todas minhas conquistas a vocês. Obrigado meus amores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais: Valdir Calorino de Souza e Antonia Batista de Souza, por terem acreditado na minha longa caminhada acadêmica, e pela paciência diante das minhas noites em claro, debruçado sobre textos e livros.

Meus sinceros agradecimentos a minha orientadora a professora Maria José Silva Oliveira que incentivou a realizar a pesquisa sobre os sapateiros do bairro de José Pinheiro e me orientou com toda dedicação e rigor acadêmico na elaboração da monografia.

Agradeço a todos que fazem a Universidade Estadual da Paraíba especialmente aos professores do curso de História que com seus discursos fizeram-me ainda mais refletir sobre o mundo e as pessoas. Aos técnicos administrativos pelo atendimento e no fornecimento da documentação sempre que foi necessária.

Agradeço as pessoas que nos concederam as entrevistas que sem suas falas não seria possível a realização deste trabalho.

Agradeço a minha noiva Laudete Francelino Bezerra, que com sua dedicação e cumplicidade, me ajudou a superar e seguir em frente na conclusão dessa jornada.

Finalmente agradeço a todos os amigos que construí durante o curso, que compartilharam os momentos difíceis e alegres ao longo do curso de história na UEPB.

RESUMO

O objeto desse estudo é analisar a história dos sapateiros do bairro José Pinheiro, destacando as fabriquetas na produção de calçados, como sua maior fonte de renda no decorrer da história do bairro. José Pinheiro é um dos mais antigos bairros da cidade de Campina Grande, cuja importância econômica é pautada no fabrico de calçados, mas o bairro também se destaca no comércio que funciona na sua principal artéria: a Rua Campos Sales. A base das discussões teórica e metodológica do trabalho tem como premissas as falas dos sapateiros - cuja pesquisa aconteceu dentro das próprias fabriquetas – que foram cruzadas com a pesquisa bibliográfica dos teóricos que tratam do tema. As narrativas nos auxiliaram a entender que a profissão de sapateiro no seu contexto atual, conta também com a participação da mão de obra feminina nas oficinas, destacando a sociabilidade existente entre os gêneros dentro das fabriquetas. Nesse sentido, tentamos mostrar todas as particularidades do ofício de sapateiro no bairro em questão.

Palavra- Chave: Bairro José Pinheiro, Fabriquetas, Sapateiro.

ABSTRACT

The object of this study is to analyze the history of the shoemaker Joseph Pine neighborhood, highlighting the sweatshops in footwear production, as their main source of income during the history of the neighborhood. Jose Pinheiro is one of the oldest neighborhoods in the city of Campina Grande, whose economic importance is guided in the manufacture of shoes, but the neighborhood also excels in trade that works in its main artery: Rua Campos Sales. The basis of the theoretical and methodological discussions of the work is the statements of the assumptions cobblers - whose research took place within the sweatshops themselves - they were crossed with the theoretical literature on that topic. The narratives helped us understand that the profession of shoemaker in its current context, also with the participation of female labor in workshops, highlighting the existing sociability between genders within the sweatshops. In this sense, we try to show all the particularities of the trade of shoemaker in the neighborhood in question.

Keyword: Neighborhood José Pinheiro, sweatshops, Shoemaker.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 01 Rua Campos Sales	21
FOTO 02 Igreja São José - Bairro José Pinheiro 2012	25
FOTO 03 Bairro do José Pinheiro	33
FOTO 04 Fabriqueta de fundo de quintal	47
FOTO 05 Parte interna de uma fabriqueta de fundo de quintal	50
FOTO 06 Sapateira em atividade	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO	16
2 OS PRIMÓRDIOS DO OFÍCIO DE SAPATEIRO	35
2.1 O OFÍCIO DE SAPATEIRO NO BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO	37
2.2 A ARTE DE FABRICAR	43
3 AS FABRIQUETAS DE CALÇADOS NO BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO	47
3.1 A PRESENÇA FEMININA NAS FABRIQUETAS	52
3.2 AS OFICINAS COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE	55
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho na qual nos detemos a fim de atender nossa inquietude sobre a brilhante profissão em questão no Bairro de José Pinheiro, foi sem dúvidas o trabalho pautado nas narrativas dos sujeitos dos quais foram imprescindíveis para a feitura da pesquisa que evidência os profissionais das pequenas fabriquetas de fundo de quintal.

A contribuição desses personagens na veracidade dos fatos realça as particularidades da profissão contida em cada memória vivenciada por cada autor desse cotidiano profissional. Segundo Arendt (1995, p. 101), “a história das coisas feitas só sobrevive se for narrada, se o que é dito for bem dito”. Assim, na ausência dos relatos dos sujeitos não seria possível redigir com exatidão a realidade do ofício, porque, só os autores dessa realidade podem afirmar tais particularidades que se faz presente na história deste ofício.

Entendemos que os sujeitos que foram abordados para “expelir” os fatos e acontecimentos que norteia o assunto da nossa pesquisa, se comportavam de forma entusiasmada para falar sobre o assunto, muito embora se sentissem felizes em fazer os relatos os quais eram indagados, muitos se sentiam apreensivos devido à notoriedade que esse trabalho de pesquisa estava proporcionando ao ofício, porque, até então, segundo alguns depoimentos no âmbito da pesquisa, nem um historiador teve o interesse de elaborar uma pesquisa sobre os sapateiros na localidade, portanto, nossa atitude causou um certo “espanto” para com os entrevistados.

Nesse sentido, podemos considerar que: realizar a história de um determinado local com sua respectiva história local, utilizando como fonte principal as pessoas da localidade, ou seja, usando a memória dos sujeitos como fonte, requer uma habilidade disciplinar de um nato historiador. Para Jacques Le Goff (2003, p.94) “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servi ao presente e ao futuro”.

A história local, estar sobre tudo, viva na memória dos sujeitos que de alguma forma fizeram ou fazem parte da mesma, cabe ao historiador, munido de metodologias e, sobretudo, afinidade com os objetos alvo da pesquisa, “resgatar” os relatos oriundos da memória dos autores da história.

Os sujeitos que contribuíram para nossa pesquisa, são personagens que na sua grande maioria tem um vínculo direto ou indireto com a profissão- muitos dos quais, são familiares de artesãos, que os acompanham no âmbito familiar o seu dia a dia, o desenrolar do ofício diariamente na convivência de seu lar. Outros são sujeitos que lidam diariamente de forma direta com a profissão, ou seja, são proprietários de fabriquetas e funcionários que trabalham nas pequenas gangorras de fundo de quintal.

É bem verdade, que os sujeitos que praticam a profissão, assim como seus familiares são oriundos de famílias simples, que sobrevivem do ofício de artefatos de calçados, e que vê na profissão de sapateiro, uma forma de sobrevivência, até porque, o bairro em questão, é uma localidade de poucas oportunidades de trabalho, e o ofício de sapateiro, por sua vez, é acessível a todos.

Todos os entrevistados abordados por nós (profissionais e familiares) são oriundos do bairro, e sempre habitaram a localidade. Nesse sentido, nossa pesquisa torna-se mais contundente, devido a veracidades das afirmações dos indivíduos, até mesmo, por não serem neutros ao contexto da história local da profissão, além do amor ao ofício, são testemunhas da própria história.

Nota-se, que a história local estar sempre presente na consciência do indivíduo que dela faz parte. Os profissionais sapateiros do bairro de José Pinheiro, enquanto conscientes da sua história, sentem-se instigados a relatar a memória do ofício, sempre que se é questionados sobre o assunto, porque segundo Bobbio (1997, p. 30) “somos aquilo que lembramos (...), as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos único guardião”.

Apesar das dificuldades encontradas pelos artesãos no dia a dia da profissão, constatou-se que eles se remetem com satisfação as lembranças

que constituem as particularidades da profissão. As lembranças conservadas na sua memória enquanto sapateiros dão sentido à vida de cada um deles na construção da cidadania, nesse sentido observamos que o amor pela atividade calçadista, vai além da ambição econômica existente em outras atividades profissionais, porque para os artesãos o saber e o saber fazer estão pautados no seu ofício de sapateiro.

As lembranças dessa atividade econômica pelos próprios artesãos são significativas para a memória da própria profissão, porque através das recordações as “verdades” sobre essa profissão que tanto os orgulham surgem com realidade e emoção. Contudo, vemos que as lembranças dos autores da própria história (os sapateiros), são imprescindíveis para se compreender as falas sobre essa esplendida profissão que ultrapassa gerações no bairro em questão.

A escolha desse tema surgiu de um desejo particular, por ter feito parte dessa profissão, um carinho expressivo por essa atividade profissional durante o período em que fui funcionário de uma pequena fabriquetta de fundo de quintal. Nesse espaço de tempo, compreendi bem, todo o processo de fabricação dos artefatos e a luta diária por parte do artesão proprietário para manter seu pequeno fabrico funcionando.

Na elaboração dessa pesquisa, tomamos como problema as seguintes questões: como se deu o surgimento do bairro José Pinheiro onde a atividade de sapateiro se faz presente? Onde e quando surgiram as primeiras formas de confeccionar calçados, e como essa prática é desenvolvida no bairro em questão? Como é a realidade das pequenas fabriquetas de calçados de fundo de quintal no bairro de José Pinheiro?

O bairro de José Pinheiro iniciou-se no final da década de 1910 com o nome de açude velho devido sua origem as margens desse açude, só a partir de 1920 ele ganha o nome de José Pinheiro por causa de um morador da localidade do mesmo nome, o bairro se localiza na zona leste da cidade de campina grande, e por sua vez, é um dos mais antigos da cidade.

No bairro desenvolve-se uma das mais significativas atividades de subsistência a atividade calçadista, como uma das mais antigas práticas econômicas da localidade. E bem verdade, que essa atividade de feitura de calçados, tivera início muito tempo antes, mas precisamente anterior à era cristã, no Egito antigo, cerca de 2000 a 3000 anos antes de Cristo, elaborado de forma bastante rudimentar: ramos de plantas e raízes.

A atividade calçadista no bairro é realizada quase que totalmente, em fundo de quintal por pequenas fabriquetas de calçados em pequenos espaços, as chamadas gangorras. Elas recebem essa rotulação, devido à alta e as baixas de suas atividades econômicas, ou seja, os momentos bons e ruins da venda de sua produção, momentos estes, bastantes sazonais, que por sua vez, funciona como uma gangorra: um sobe e desce.

Para construir denodadamente nosso estudo inicial, elaboramos uma pesquisa bibliográfica iminente a nossa temática analisada, para um melhor desenvolvimento metodológico no decorrer do nosso estudo, logo depois, lançamos mãos das fontes orais e visuais como: entrevistas e fotografias.

O trabalho se encontra organizado da seguinte maneira: No primeiro capítulo, intitulado: *O bairro de José Pinheiro* encontra-se todo um estudo voltado para a história do bairro: seu surgimento, desenvolvimento econômico e cultural.

No segundo capítulo: *Os primórdios do ofício de sapateiro*, é dado ênfase, aos primeiros registros de confecção de calçados, que tivera início no Antigo Egito bem antes da era cristã, nesse sentido nos remetemos a idade média onde foram impostas padrões de medidas, e conseqüentemente o desenvolvimento produtivo no advento da idade moderna. Ainda nesse no segundo capítulo, abordamos o ofício de sapateiro no contexto do bairro José Pinheiro, onde percebemos a dura realidade de confeccionar calçados por parte dos artesãos do bairro, que por sua vez, realizam suas atividades de forma artesanal e rudimentar nas fabriquetas de fundo de quintal.

No terceiro e último capítulo: *As fabriquetas de calçados*, abordaremos as questões relativas às estruturas das fabriquetas, as dificuldades que essas

gangorras passam no dia a dia para se manterem em atividades. Outra discussão presente neste capítulo é a presença feminina na produção dos artefatos, e as oficinas como espaço de sociabilidade.

Nesse sentido, procuramos dar vida a uma das atividades econômicas mais significativas da história do bairro José Pinheiro, onde nossa discussão é pertinente à realidade dos artesãos, que por sua vez, mantêm viva a tradição de confeccionar calçados no bairro em questão. Todavia, nos preocupamos em deixar claro na nossa pesquisa, que a atividade calçadista do bairro José Pinheiro, consolidou-se através dos pequenos fabricantes de fundo de quintal, ou seja, os profissionais menos favorecidos de recursos econômicos do bairro.

1 O BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO

Nesse capítulo, iremos discutir sobre os conceitos de bairro, esta discussão dará uma sustentação ao entendimento sobre nosso recorte espacial do objeto de estudo, o bairro de José Pinheiro. Este se constitui como uma das partes da cidade, de Campina Grande.

Segundo Bezerra (2005), “o vocábulo bairro vem do latim *bairrium* ou do árabe *barri* (de fora, exterior, separado)”. Falar sobre bairro torna-se uma discussão bastante complexa, apesar de ser pertinente a todo espaço urbano das cidades, os mesmos não se encontram com a mesma característica entre algumas cidades brasileiras.

Na concepção de Lynch (1960, p.66) bairros são: “partes razoavelmente grandes da cidade na qual o observador “entra”, e que são percebidas como possuindo alguma característica comum, identificadora”.

Seguindo esses conceitos, bairro é uma área de relativa homogeneidade das demais áreas da cidade, portando características que lhe torna diferente do resto urbano, esse critério visual e perceptivo, contrasta com o critério administrativo que conceitua tradicionalmente o conceito de bairro no Brasil.

No Brasil, a divisão territorial administrativa política das cidades são os bairros, ele é formado por um conjunto de práticas e atitudes que lhe constitui e lhe dão formas e consistência enquanto recorte espacial de uma cidade. Um bairro além de seus problemas inerentes como falta de estruturas e planejamento. Mas apesar do não planejamento, o bairro é constituído por edifícios, prédios comerciais e moradias da classe alta e das classes populares.

O bairro se caracteriza como um ambiente de sociabilidade, através de todas as suas instituições: escolas, igreja, sindicatos, hospitais além das áreas de lazer - parques e praças - para a população. O bairro tende a oferecer serviços em diversos setores: iluminação, saneamento básico, telefonia, ruas asfaltadas, e coleta de lixo.

É comum observamos em alguns bairros que a população desempenha suas atividades econômicas no próprio local de moradia, o que possibilita a sobrevivência dos seus habitantes sem se deslocarem para outros setores da cidade. Constatamos, portanto, que; o bairro é uma determinada unidade espacial, que se caracteriza por uma divisão territorial de uma cidade, mas, como podemos perceber alguns bairros tem vida própria, e funções de acordo com a cidade.

Nesse contexto, podemos perceber que os bairros da cidade de Campina Grande, existe uma certa segregação social entre os moradores com respeito às edificações de suas casas, haja visto que, nem toda população do bairro de José Pinheiro possui moradias bem estruturadas e planejadas, por outro lado, existe aglomerados de casebres que formam as favelas, becos e ruelas, que muita das vezes disputam espaços territoriais e sociais, com as grandes construções suntuosas dos ricos.

O bairro de Jose Pinheiro em sua complexidade possui problemas que tem que serem superados e bem administrados pelos órgãos competentes e pela coletividade. Concordamos com Jacobs, quando afirma

Um bairro bem-sucedido e aquele que se mantém razoavelmente em dia com seus problemas, de modo que eles não o destruam. Um bairro malsucedido é aquele que se encontra sobrecarregado de deficiências e problemas e cada vez mais inerte diante dele. (JACOBS, 2000, p.123),

O bairro de José Pinheiro é um dos bairros mais populoso é mais antigo de Campina Grande, cidade localizada no interior do estado da Paraíba, na microrregião do agreste paraibano na zona oriental do planalto da serra da Borborema. Campina Grande é considerada uma das maiores e importante cidade interiorana do norte e nordeste do país, ela é carinhosamente denominada como a Rainha da Borborema.

A fundação cidade de Campina Grande se deu a partir de um aldeamento de índios Ariús, trazido pelo capitão-mor do sertão paraibano, Theodósio de Oliveira Ledo. Segundo Araújo

O capitão-mor e sertanista Theodósio de Oliveira Ledo, descendo do Boqueirão de Piranhas, trouxe índios Ariús e Bultrins fixando-os num determinado local onde construíram as primeiras taperas, em contrapartida registraram-se a presença de fazendas próximas fundadas por colonos e bandeiras que atravessavam o rio São Francisco para o interior pernambucano. Assim descobriram no caminho, Campina Grande, considerada centro de atração geográfica para quem ia do litoral ao interior do sertão pela costa. (ARAÚJO, 2006, p.36)

Ressaltamos que não cabe nesse trabalho, analisarmos a história da cidade de Campina Grande, porque decidimos dar um enfoque maior no nosso recorte espacial que é o bairro do José Pinheiro. Mas, se faz necessário, todavia e fundamental citarmos algumas particularidades da cidade tendo em vista que o bairro é parte integrante da cidade.

O bairro do José Pinheiro se encontra localizado na zona leste da cidade de Campina Grande, limitando-se com os bairros; Santo Antonio, Monte Castelo, Catolé, centro e Mirante. O bairro no início da sua fundação tinha uma área superior a atual, grande parte do seu território foi fragmentada para a

formação dos bairros: Monte Castelo, Santo Antonio, Mirante e parte da área do açude velho.

A história do bairro do José Pinheiro tivera início no final da década de 1910. Nesse período o bairro tinha o nome de açude velho, por ter tido origem as margens do mesmo que ocupava uma extensa área na localidade. Nos fins da década de 1920, com a chegada de um senhor de nome Jose Pinheiro - que trataremos sobre esse senhor, no decorrer desse capítulo - que gradativamente vai se destacar no bairro com seu comércio homeopata e uma manifestação cultural o Pastoril.

Em decorrência das atividades do senhor Jose Pinheiro, o bairro vai sendo conhecido pelo nome do mesmo principalmente pós 1930 devido ao aumento de sua popularidade, e se tornará o nome oficial do bairro ao longo do tempo, no entanto popularmente é conhecido como o bairro de Zé Pinheiro.

Nos primórdios do bairro o Açude Velho, fazia parte de seu território, era um local muito bonito, de terras férteis, uma paisagem de sítio coberta por uma vegetação frondosa, hoje as margens desse logradouro é um dos principais pontos de referência da cidade. As terras do antigo bairro de José Pinheiro foram compradas pelo casal José Dantas e Marinheira Agra Dantas, as terras mediam aproximadamente 15 hectares, logo, eles construíram uma casa e, no quintal da mesma, dividiram o terreno para um curral que servia para colocar o gado, que era utilizado tanto para o consumo do casal como para a comercialização da carne e do leite, e a outra parte, para a plantação de verduras, frutas, legumes e criações de porcos e aves etc.

A atuação do casal pecuarista foi fundamental para o desenvolvimento e o povoamento do bairro, através de aforamento de terrenos, surgindo às primeiras casas e ruas em especial a Rua Campos Sales, localidade a onde o casal de pecuarista construiu sua moradia. Dessa forma, o casal constituiu na localidade um minifúndio que se tornaria o principal responsável pelo o abastecimento alimentício de toda a localidade do nascente bairro nos anos posteriores.

O bairro gradativamente vai sendo povoado por moradores de várias outras localidades, muitos casebres foram construídos nas ruas que surgiam próximas a Rua Campos Sales a pioneira do bairro. Sem planejamento, o bairro vai se desenvolvendo desordenadamente por parte do poder público, sem infraestrutura: energia elétrica, água encanada, rede de esgoto... Segundo as geógrafas: Wellen e Sá em relação ao traçado das ruas no diz que

se deu de forma espontânea, já que não obedece a nenhum plano e ou legislação específica, haja vista a existência de becos, travessas, ruas estreitas e tortuosas. (WELLEN; SÁ, 2003, p.27)

Portanto, as ruas do bairro não foram planejadas de acordo com a estética de um bairro planejado, não teve um planejamento e as ruas foram abertas espontaneamente, por isso, observam-se em seu âmbito ruas desproporcionais para a realidade do bairro (becos, travessas, ruas estreitas e tortuosas).

No bairro de José Pinheiro, apesar de grande parcela de suas ruas não serem congruentes com um planejamento urbano, não podemos perder de vista, algumas ruas que caracteriza o bairro; como é o caso da artéria Campos Sales, além de ser uma de suas principais ruas, é também, um espaço onde se realiza atividades comerciais desde seus primórdios. Segundo o relato de um antigo morador do bairro, Edivaldo Almeida de Souto, coletado a partir de uma entrevista, o mesmo se mostrou indagado sobre o passado e o presente da Rua Campos Sales, ele nos ressalta que

Apesar de ser o início, mas ela tinha já seu comércio (...) muitas pessoas iam naquela rua (...) porque ali onde era o setor de comércio, como ainda hoje é (...) ainda hoje continua sendo um ponto de comércio, onde de tudo se vende. É tanto que hoje tem uma feira aos domingos, muita as pessoas que frequentam o bairro tem como ponto de referência a rua principal que é a Campos Sales. (E. A. S – pesquisa de campo – 07. nov.2011)

Diante das afirmações do antigo morador da localidade; O senhor Edivaldo Almeida de Souto, que conhece as particularidades do bairro e, fala com satisfação sobre o passado do antigo logradouro, se observa a veracidade explícita até hoje na extensão da artéria Campos Sales, no que diz respeito à comercialização naquele espaço urbano.

O comercio ainda se encontra presente nas calçadas da citada rua, é bem verdade, que a comercialização, é um atrativo bastante importante para toda população do bairro em questão, porque, muito embora uma minúscula parcela da população zepinheirense, não desfrute do comercio na localidade, um grande contingente de moradores do bairro, e até de outros bairros adjacentes, são fregueses assíduos e comerciantes na localidade. Conforme podemos observar na fotografia abaixo:



FOTO 01 Rua Campos Sales. **Fonte:** Vanderley B. de Souza - 2012

A foto acima, nos apresenta a intensa movimentação comercial da artéria numa manhã de domingo, dia em que a rua se transforma numa grande feira ao ar livre. Constatamos que a Rua Campos Sales, foi e continua sendo o centro comercial do bairro de José Pinheiro.

Nessa localidade onde hoje se encontra o bairro de José Pinheiro era um local com todas as características rurais: com plantações de milho, feijão, hortaliças, frutas e atividades pecuárias, isto é, criações de aves, criação de gado bovinos, foi nesse cenário rural que no fim da década de 1920, chegaram à localidade e se estabeleceram, dois senhores: São Manoel Sales e José Pinheiro que transformaram a localidade rural (que fazia parte do Açude Velho) num espaço urbano.

São Manoel Sales, era um hábil pedreiro, ele aforou terras a Marinheira Agra, e construiu várias casas na localidade, com o intuito de alugá-las. Vale salientar, que essas pequenas casas não tinham luxo e, eram casas simples e populares, voltada para atender aos novos moradores que chegavam para se estalarem no novo bairro.

Já o personagem de maior expressividade na história do bairro, foi seu principal expoente o senhor, José Pinheiro. Esse senhor estabeleceu-se na localidade com uma atividade comercial, uma bodega, que vendia de tudo um pouco, inclusive produtos homeopáticos, pois o senhor José pinheiro tinha um vasto conhecimento de ervas-medicinais.

A fama desse senhor como “curandeiro”, cresceu celeremente, á procura pelos seus produtos principalmente para fins medicinais, eram muito grande por parte da população de toda a cidade, esse foi um dos fatores condicionante, para a popularização do bairro, onde se constatava um grande fluxo de pessoas pelas artérias principais do bairro a procura da bodega de José Pinheiro.

Ao passar do tempo à vida do curandeiro- como ficou conhecido José Pinheiro- se modificou: cresceram as vendas em sua bodega e ampliou-se também o seu atendimento “medicinal” a população.

Mas José Pinheiro tinha outras atividades, em um salão ao lado de sua casa, ele organizava o pastoril do bairro que se apresentava nos finais de ano. Esse pastoril era o evento cultural mais expressivo das festividades do bairro. Antes mesmo da década de 1930, a população campinense aguardava com

grande ansiedade as festividades natalinas comemoradas com a apresentação do pastoril.

Quanto a José Pinheiro, ao longo dos anos, além de ser conhecido como “curandeiro/homeopata” ficou conhecido também, como o principal animador das festividades da cidade. Podemos de certa forma asseverar, que houve na cidade uma transformação na sua história cultural através da popularidade que José Pinheiro adquiriu no meio da população, especialmente nos habitantes que moravam as margens do Açude Velho, localidade que posteriormente devido à fama do “animador” passa a ser denominado de bairro José Pinheiro.

Em Campina Grande, quando uma pessoa de outros bairros precisava se deslocar a zona leste da cidade, seja para adquirir produtos de primeira necessidade ou participar de algum evento, sempre dizia que estava indo ao bairro de José Pinheiro, daí o antigo nome do bairro (Açude Velho) foi perdendo notoriedade para o novo nome que estava na “boca do povo”.

O Açude Velho, além de ser o nome de um dos bairros, da cidade nos seus primórdios, era também o nome do primeiro reservatório d’água construído na cidade de Campina Grande, quando a cidade ainda era vila, cuja as águas eram oriundas do Riacho das Piabas, localizado no bairro da Palmeira. O açude velho, que teve sua construção em 1828, foi, por quase cem anos o maior açude de campina grande. Rodrigues *et all* destaca que

O açude velho como uma das belezas paisagística da cidade e representa um patrimônio público, oferecendo boas vindas aos visitantes que chegam à cidade. Em épocas passadas, o açude velho foi o maior reservatório da serra da Borborema, responsável pela manutenção da vila, e depois, cidade. Sua construção foi consequência da seca de 1824/28 que assolou o nordeste; sua conclusão deu-se em 1830. O açude velho foi o suporte por excelência das histórias das secas sofridas entre 1845 e 1877. (RODRIGUES *et all*, 1996, p.24)

Portanto, o Açude Velho, teve e tem até hoje, uma fundamental importância para a história do cotidiano da cidade de Campina Grande, sendo ele hoje um dos patrimônios da representação cultural da cidade.

Não se pode perder de vista, que o antigo bairro do açude velho posteriormente, o José Pinheiro, foi perdendo seu caráter rural gradativamente ao longo do tempo, devido ao processo de urbanização na localidade. O cenário que em outrora caracterizava a localidade como rural, dava lugar as características urbanas que emergia na paisagem do bairro.

Alguns terrenos foram doados a comunidade zepinheirense, por um dos herdeiros de Marinheira Agra, (uma das principais proprietárias de terras). Logo, Iniciam-se as construções de novas moradias e a feição do bairro vai mudando com outras edificações que vão sendo construídas, a exemplo do primeiro núcleo assistencialista para os moradores do bairro, que foi o Circulo Operárias no ano de 1948. Paralelamente a essa construção, foi iniciada também, as obras da Igreja Católica do bairro.

Vale salientar, que essas construções (igreja católica e o circulo operário) só foram realizadas devido à participação dos moradores do bairro, alguns contribuíram financeiramente com a obra, e outros, contribuíram, com a mão de obra gratuita.

A igreja como se encontra atualmente, com sua estrutura imponente localizada na Rua Campos Sales, a principal artéria do bairro:



FOTO 02 Igreja São José- Bairro José Pinheiro. **Fonte:** Vanderley B. de Souza- 2012

A construção da igreja teve uma contribuição fundamental para o desenvolvimento do logradouro, nas suas adjacências, foram abertas ruas e surgiram novas construções de casas que ajudaram no crescimento urbano da localidade, atraindo assim, cada vez mais um número considerável de habitantes para o bairro.

Outro elemento que contribuiu com o desenvolvimento urbano, foi à construção do círculo operário que impulsionou também a urbanização e a modernização do bairro. Em termos sociais o círculo operário contribuiu substancialmente com a população, oferecendo escola com cursos profissionalizantes, e assistencialismo, tornando-se centro das atividades dos moradores, com a criação e atividades de algumas entidades: SAB - Sociedade de Amigos do Bairro, Clube de Mães e Clube de Jovens entidades que funcionavam nas salas do Círculo Operário.

Para entendermos melhor a importância das entidades para a população dos bairros, se faz necessário, um pequeno esclarecimento. Na década de 60,

na maioria dos bairros da cidade de Campina Grande, estavam sendo implantadas as SAB's - Sociedades de Amigos do Bairro.

O bairro do Jose Pinheiro, foi um dos primeiros bairros da cidade a receber uma entidade de assistencialismo, como já havíamos mencionado a SAB, funcionava no círculo operário, logo depois, transferiu-se para um espaço próprio localizado na Praça Joana d'Arc, praça principal do bairro.

A SAB enquanto entidade social tinha um cunho filantrópico, voltado para os moradores do bairro na tentativa de mediar satisfatoriamente - como porta voz da população - as reivindicações dos moradores diante do poder público, mas ao longo dos anos, mas precisamente a partir dos anos 80, com as interferências políticas, a entidade perde gradativamente sua finalidade de outrora, que era ser a voz do povo, e se transforma num objeto voltado para satisfazer o desejo particular de seus presidentes, na intenção de conseguirem espaço político municipal, descaracterizando assim, a essência filantrópica da entidade. Sociedade de amigos do bairro (SAB).

Outras entidades de âmbito popular que enalteciam o social do bairro nos anos posteriores a década de 1960, foram: o clube de mães e clube de jovens. O clube de mães funcionava através de ações voluntárias das próprias moradoras do bairro. As voluntárias davam assistências de várias naturezas, como por exemplo: auxílios diversos às grávidas e às mulheres de baixa renda, excepcionalmente as mulheres que moravam na favela da Cachoeira ofereciam cursos visando inserir as mulheres no mercado de trabalho: crochê, tricô, corte e costura, como também, alfabetização de jovens e adultos.

O clube de jovens foi idealizado pela igreja católica, voltado para o desenvolvimento e o bem estar dos jovens do bairro. Ele foi significativo para a formação cultural e social dos jovens do bairro, especialmente jovens que moravam na antiga favela da Cachoeira. O clube de Jovens oferecia várias atividades culturais, dentre elas aulas de música e canto, teatro, dança, clube de leituras, e várias modalidades de esportes.

O bairro José Pinheiro, sem sombras de dúvidas, sempre "respirou" festividades, festivo e alegre, sua população desfrutava suas manifestações

culturais realizadas durante o ano inteiro: nos meses, fevereiro e março, o carnaval com os blocos carnavalescos e as escolas de samba, no mês de abril as vaquejadas, maio mês das noivas e mês das novenas para Maria, no mês de Junho os festejos juninos: quadrilhas, adivinhações, forró pé de serra, fogueiras, e o casamento matuto, setembro as escolas celebram as festas, em outubro as comemorações do aniversário da cidade, final de ano as festas natalinas/ religiosas. Missa do galo, lapinhas e árvore de natal, nas ruas, pavilhões, quermesse e retretas.

Entre essas várias manifestações culturais que identificavam o cotidiano festivo da vida em José Pinheiro, não se podem perder de vista, o pastoril: que no passado era realizado em num salão vizinho a casa do senhor José Pinheiro, que por sua vez, tivera um papel de relevância fundamental para o bairro- foi a mais antiga expressão cultural e de diversão, iniciado no ano de 1942 no bairro. O pastoril atraía pessoas dos diversos bairros de Campina Grande e pessoas das cidades circunvizinhas. Sua apresentação se dava: nas sextas, sábados e domingos.

O pastoril tem sua essência na lapinha, e sobre tudo, emerge a priori nas igrejas de Portugal com característica religiosa. Mas, é bem verdade, que o surgimento do pastoril, se remete a idade média e no Nordeste ele é integrado às festas natalinas passando assim, a ser uma manifestação cultural natalina.

No bairro de José Pinheiro, o pastoril seguia a mesma estrutura do pastoril de Portugal. Ele era dividido em dois grupos ou cordões representados por cores, um dos cordões representava a cor azul e outro a cor vermelha, ou encarnada, como é chamada no nordeste. As componentes dos dois cordões eram chamadas de pastoras; nesse contexto, existia a Diana, que era uma pastora, cuja vestimenta contém as duas cores. Todas elas cantam canções natalinas, convidando as pessoas para visitarem a lapinha (manjedoura onde nasceu o menino Jesus).

Vale salientar, que outros pastoris se apresentavam no bairro, mas não com a mesma desenvoltura festiva e alegre. O pastoril do senhor José

Pinheiro, se apresentava durante todo o ano da sexta feira até o domingo, era programa certo de final de semana para o povo do bairro e da cidade.

Com o passar do tempo, e o surgimento do radio e posteriormente da televisão, o pastoril do bairro deixou de se apresentar, ficando apenas registrado todos os momentos brilhantes e inesquecíveis na memória dos antigos moradores e frequentadores daquele ambiente. No entanto, os outros eventos culturais continuaram a fazer parte do cotidiano dos moradores do bairro: eventos religiosos, missa, procissão, retreta, carnaval, desfile de sete de setembro, sem deixar de destacar as corridas de cavalos que amalgamava grande parcela da população para prestigiar o espetáculo.

Uma das diversões significativa que se fez presente no bairro foram às retretas, essas eram uma atração à parte para os moradores, segundo a historiadora Eliete Gurjão

As retretas começaram na década de 1950, com o funcionamento de um serviço de Alto-falante instalado ao longo da Rua Campos Sales, Fernandes Vieira e adjacências, conhecido como “difusora de Gaúcho”. Este senhor natural do Rio Grande do sul, destaca-se como um dos pioneiros do rádio em Campina Grande. Em José Pinheiro, além da difusora ele possuía um “estúdio”, situado entre as ruas Campos Sales e Maximiano Machado, onde promovia música e dança ao vivo. Seu programa de calouro era muito concorrido, atraindo muitos jovens que disputavam o concurso de “Melhor Voz”. (GURJÃO, 1999, p.55).

“Gaúcho” como era conhecido no bairro, foi uma figura importante nesse sentido, foi ele o principal expoente da rádio-difora na localidade. Sua difusora exercia um papel fundamental para os jovens da localidade, porque a mesma a pedido tocava músicas e passava mensagens sonoras para os casais apaixonados, que frequentavam a Campos Sales principal rua do bairro. Nessa artéria, principalmente aos domingos, o clima romântico tomava conta da localidade, grande parcelas dos jovens transitavam com suas namoradas de mãos dadas, em quanto outros, se deslocavam até á Campos Sales, para paquerar com as moças ou vice-versa, ao som romântico proporcionado pela difusora do gaúcho.

O gaúcho era proprietário do “estúdio” localizado na Rua Maximiano Machado, onde funcionava o salão de dança com música ao vivo, no local também era apresentado um programa de calouros bastante concorrido, pois havia o interesse das pessoas em concorrer para escolher da “Melhor voz”. O ganhador ou a ganhadora recebiam o título da melhor voz do bairro, e conseqüentemente tinham a oportunidade de se apresentar nas principais emissoras de Rádio, existentes na cidade de Campina Grande.

O bairro de José Pinheiro foi palco das primeiras comemorações juninas da cidade, evento que deu destaque ao bairro, pois contava com a participação de moradores de outros bairros e pessoas de outras localidades circunvizinhas.

As noites de São João e de São Pedro, era uma só animação nas ruas e ruelas do bairro do José Pinheiro, em todas as casas, se acendiam fogueiras, soltavam-se fogos de artifício, comia-se comida de milho, como: canjica, pamonha, milho cozido e o tradicional milho assado na fogueira. Além das fogueiras e comidas, outras atividades eram exercidas na noite: eram as quadrilhas.

As quadrilhas juninas davam um colorido especial às festividades juninas do bairro com a participação dos jovens e adultos. Nesse sentido, algumas quadrilhas ganharam destaque e notoriedade, como foi o caso das quadrilhas; “Pisa na Fulô” e “Arraial da Felicidade”. Era um São João folclórico, as apresentações das quadrilhas era um espetáculo a parte, com danças e coreografias que duravam a noite inteira.

Um bairro “festeiro” como o do José Pinheiro, que comemorava e festejava todas as datas representativas, não poderia deixar de festejar o carnaval, é claro. Os carnavais do bairro eram marcados pelos desfiles das escolas de samba e de blocos carnavalescos.

As principais escolas de samba que desfilavam no carnaval do bairro eram: Bambas do Ritmo e Acadêmicas do Samba. Já os principais blocos eram: La Ursas; Bumba meu boi; Tribo Tabajara; Caneco Amassado; e os papangus.

E imprescindível ressaltar, que grande contingente das pessoas que compunham os blocos e as escolas de samba era moradores do bairro de Jose Pinheiro. Nos dias de desfiles, via-se um verdadeiro espetáculo, grande parcela dos moradores do bairro, se deslocavam para a Rua Campos Sales, que era de onde saiam às escolas e blocos para o desfile. Num primeiro momento, essas escolas e blocos percorriam várias ruas do bairro antes de se deslocarem para o centro da cidade onde aconteciam a apresentação final.

Não se pode perder de vista, que no bairro também se comemorava o dia da independência do Brasil. O dia que se comemorava a emancipação política do Brasil, era uma atração a parti, várias escolas se organizavam em prol da comemoração cívica- cada uma se organizava e se preparava da melhor maneira possível para os desfiles que, por sua vez, chamavam a atenção pelo glamour das fantasias dos pequenos patriotas. Este momento no bairro era bastante prestigiado pela população, que na oportunidade, saiam de suas casas para vê seus filhos desfilando pelas suas escolas.

No cenário festivo do bairro, a igreja tinha um papel importante nas realizações de algumas festividades na localidade, dentre as comemorações realizadas pela entidade, podemos destacar a festa do seu padroeiro (São José), festa essa, que por sua vez, se fazia presente no decorrer de toda Rua Campos Sales.

A famosa festa de São José, do bairro do José Pinheiro, tinha grande importância para a igreja, para os devotos e os demais habitantes do Bairro, além da festa, que oferecia vários meios de diversão como: parque de diversão e jogos, ainda era realizada na oportunidade, uma grande procissão que arrastava uma multidão de pessoas com a imagem do padroeiro do bairro: São José. Nesse sentido, a festividade além de alegrar a vida dos moradores, gerava lucro para grande parcela dos comerciantes que ali se estalavam para comercializar nos dias de festa.

A festividade em comemoração ao dia de São José tivera sua ultima edição profana no ano de 1960, sendo desde então realizada no interior da própria igreja do bairro, que é conhecida como tal: igreja de São José.

Outras festividades de grande importância ainda continuaram sendo realizadas pela igreja no bairro, foram elas; o dia de Nossa Senhora, que se comemora geralmente no mês de Maio e a festa do natal. No dia de Nossa Senhora, além das celebrações dentro da igreja, tinha também, uma procissão com a imagem da imaculada pelas artérias do bairro, que na ocasião, era acompanhada por grande parcela da população do bairro do José Pinheiro.

A festa de natal era outro grande espetáculo festivo promovido pela igreja no bairro, todo tipo de diversão era disponibilizado para os moradores da localidade, foi em uma dessas festas mais precisamente no ano de 1974, que o bairro presenciou um dos seus piores momentos de sua existência, um fato inusitado manchou de sangue a festa de Natal na localidade, fato esse, ocorreu quando um botijão de oxigênio do parque de diversão da festa, explodiu, ceifando vários participantes da festa, e na oportunidade, mutilando e ferindo várias pessoas que estavam nas imediações da festividade, estilhaços do botijão de oxigênio fragmentou-se do mesmo no momento do acidente, atingindo uma grande extensão da festa. Essa tragédia, que foi presenciada pelos participantes e moradores da localidade, levou ao fim das comemorações de Natal.

Quando se fala do Bairro de José pinheiro, não se pode mencioná-lo sem citar seus momentos de alegria, um desses momentos de felicidades dos moradores, era o esporte, ou seja, o futebol, segundo a entrevista concedida pelo morador do Bairro, Domingos Basílio, ao ser perguntado sobre o cenário futebolístico do bairro, ele respondeu

os moradores do bairro, principalmente aqueles que gostavam de futebol, “ficava” esperando o domingo, e “muita vez”(sic) o sábado que era quando tinha jogo da raposa nosso time do coração, ai o nosso campo ficava cheio de gente pra entrar e assistir o jogo do Campinense, era uma multidão, o bairro ficava cheio de torcedores, “muié, minino, “vei”(...) “ôxe”, toda tipo de gente(risos). (D. B – pesquisa de campo, 07 jun. 2012)

O mesmo prossegue falando do esporte que mais movimentava o bairro, agora sobre os jogos de pelada que existiram na localidade

o jogo profissional, acontecia à tarde, no fim de semana, já os de pelada era pela manhã, nos campos que tinha perto do campo do campinense, e nos bairros perto daqui, que era em Monte Castelo, Santo Antonio, e Alto Branco, agente não perdia um jogo, era uma disputa grande entre os times, muitas gente “ia” “vê” as peladas dos times do bairro, era muito bom. (D. B – pesquisa de campo, 07 jun. 2012)

Como podemos perceber no depoimento do morador do bairro, que participava do cenário esportivo como torcedor do Campinense Clube (Raposa), o futebol foi um dos elementos de diversão que os moradores tinham nos finais de semana, todos que gostavam de futebol, se faziam presente denodadamente, torcendo pelo seu time de coração, ou muitas vezes, no que diz respeito ao futebol de pelada, torcendo não tanto pelo clube, mas, pelos moradores mais próximos, ou ate familiares que compunham as equipes amadoras da localidade, formando-se assim, uma legião de torcedores e amantes do futebol na localidade.

Nesse sentido, vários times alegravam o bairro nos domingos e feriados, os times de pelada que eram compostos por moradores, geralmente jogavam aos domingos pela manhã nos diversos campos de terra que tinha o bairro, arrastando grande número de pessoas para presenciar as partidas, na oportunidade, havia grande disputa entre os times, contemplando os torcedores que assistiam aos jogos na beira dos campos.

Já o futebol profissional do bairro, também era destaque em José Pinheiro, vários clubes como; o Campinense Clube e o Flamengo, eram destaques no cenário esportivo do bairro, e representava o bairro por serem clubes com sede no próprio bairro.

O Flamengo por sua vez, tinha a sede a poucos metros do campo do Campinense, o antigo Plínio Lemos, que nos dias atuais, fora desativado, e construído em seu lugar, um complexo esportivo que leva o nome de Vila

Olímpica. O futebol no bairro, nunca deixou de ser uma forma de lazer principalmente para os jovens.

É bem verdade, que o futebol que se desenvolveu no bairro, enalteceu bastante a imagem do José Pinheiro em quanto bairro. Dos antigos clubes de futebol existente no bairro, vários atletas se destacaram e se tornaram profissionais em grandes times do país, a exemplo dos atuais jogadores: Marcelinho Paraíba, e Hulk. Ambos os atletas, já fizeram parte até da seleção brasileira de futebol.

Ao longo do tempo, o futebol vem perdendo espaço no bairro e praticamente em toda a cidade, os velhos campos de pelada em sua grande maioria deixaram de existir, os terrenos foram ocupados por construções diversas, vários times saíram do cenário esportivo do bairro, ficando em atividade, poucos clubes de pelada, apresentando-se nos pouquíssimos campos que resistem ainda hoje à urbanização da cidade, conforme podemos visualizar na foto abaixo



FOTO 03 Bairro do José Pinheiro. **Fonte:** Vanderley B. de Souza - 2012

O José Pinheiro hoje em dia, é um bairro totalmente urbanizado, nota-se que a estética rural desapareceu completamente da localidade. O bairro, por sua vez, em toda sua história, nota-se uma localidade pacata, de pessoas que ao longo de suas vidas, lutaram sempre pelo desenvolvimento do bairro, e irmanados, transformaram o logradouro em um ambiente harmônico e feliz.

O comercio e as festividades, fazem parte de toda a história do bairro, sobretudo, dão identidade e notoriedade ao bairro em questão e, de certa forma, enaltecem a história de sua gente. Muito embora munidos de diversas dificuldades, seu povo consegue diariamente, superar os inúmeros problemas que os norteiam no bairro, como, por exemplo: a violência.

Mas, todavia, durante sua existência, o bairro nem sempre foi só festividades, além do seu forte comercio, existiu e ainda existe de forma bem mais sólida, a atividade industrial, que impulsiona a economia da localidade, são as pequenas fabricas de calçados que ao longo do tempo, desenvolvem economicamente a localidade.

A partir da década de 60, que foi um dos momentos bastante importante para o bairro, quando por sua vez, passou a receber água encanada, luz elétrica, calçamento e meio-fio nas suas ruas principais, o bairro ganhara um novo aspecto, e, sobretudo, condições para com mais vigor desenvolver outras atividades de subsistência que fossem além da agricultura e da pecuária.

Uma dessas atividades que fez parte do processo industrial do bairro, é indiscutivelmente é a fabricação de calçados, ou seja, o ofício de sapateiro que atravessou gerações na localidade do bairro do José Pinheiro.

O assunto referente à atividade de sapateiro será abordado por nós, nos próximos capítulos, não no sentido de fabricas e indústrias de grande porte, mais sim, na concepção das fabriquetas de fundo de quintal denominada de gangorras, devido seus autos e baixos na economia, onde é administrada por um artesão, que: além de ser o proprietário da mesma, esse sapateiro domina toda a arte de confecção do calçado.

Analisaremos essas fabriquetas no olhar da história vista de baixo, ou seja, elaboraremos a micro-história das fabriquetas de fundo de quintal ainda, funcionando de forma artesanal. Nesse sentido, procuraremos deixar uma visão cristalina sobre a fabricação de calçados, que perpassa de geração e geração, no bairro em pauta (José Pinheiro).

Discutiremos no capítulo seguinte: *Os primórdios do ofício de sapateiro*, daremos ênfase, aos primeiros registros de confecção de calçados, que tivera início no Antigo Egito bem antes da era cristã, nesse sentindo-nos remetemos a idade média onde foram impostas padrões de medidas, e conseqüentemente o desenvolvimento produtivo no advento da idade moderna. Ainda nesse no segundo capítulo, abordamos o ofício de sapateiro no contexto do bairro José Pinheiro, onde percebemos a dura realidade de confeccionar calçados por parte dos artesãos do bairro, que por sua vez, realizam suas atividades de forma artesanal e rudimentar nas fabriquetas de fundo de quintal.

2 OS PRIMORDIOS DO OFÍCIO DE SAPATERIO

Para falarmos dessa profissão, que teve início bem antes da era cristã, contemplando com os artefatos de calçaduras, povos privilegiados a priori de algumas civilizações, principalmente os nobres em algumas culturas que detinham uma determinada supremacia sobre os demais, não podem perder de vista que a ideia dos primeiros calçados emergiu da própria necessidade do ser humano para se deslocar em superfície acidentadas e hostis, todavia, para se proteger das oscilações climáticas da superfície terrestre.

Nesse sentido, os primeiros artifícios para calçaduras que o ser humano se apropriou para utilizar no cotidiano, principalmente no período pré-histórico, eram basicamente compostos de cascas de árvores revestidos de cipós, ramas de plantas, folhas de algumas plantas, couro e peles, oriundos de animais que era uma das principais fontes de alimentação da época.

É bem verdade, que a datação do primeiro artefato de calcadura, se fez presente no Egito antigo, aproximadamente nos anos de 2.000 a 3.000 antes de cristo (a.C), esses calçados por sua vez, era constituída por ramas de plantas e raízes, muito embora, esses artefatos calçadistas fossem confeccionados de forma bastante artesanal e rudimentar, eram de grande utilidade para os que o possuíam, e, todavia, um símbolo de poder que iria perdurar por muitos e muitos séculos.

Na Europa, a profissão de sapateiros se fez presente desde a Idade Média como nos mostra Bernardete Wrublevski Aued

Assim como os demais artesãos, os sapateiros, artífices do couro, existiam na Europa desde a idade média. Este ofício estar entre as primeiras guildas de ofício documentadas, além de ser um dos mais numerosos e mais amplamente distribuídos pelos campos e cidades da Alemanha e da Grã- Bretanha. (AUED, 1998, p.58)

No decorrer da Idade Média, os sapateiros prosseguiam com a forma artesanal de feitura de calçados até o momento em que teve início a padronização uniformizada pelos ingleses no início da primeira década do século XIV pelo rei Eduardo I, que determinou medidas para a confecção de calçados. Logo, a partir daquele momento, os sapateiros que anteriormente não utilizava qualquer regra, no que diz respeito a medidas dos artefatos na composição do fabrico, agora os mesmos passariam a produzir calçados nos moldes das novas medidas estabelecidas pelo rei.

Segundo as novas medidas, uma polegada se caracterizada por três grãos de cevada, logo, um par de sapatos que medisse em grãos, por exemplo: 15 grãos de cevada passariam a ser identificado, como um par de calcaduras de número quinze, e assim, sucessivamente.

A profissão de sapateiro principalmente o ofício de artesão, é muito antigo, e no seu primórdio, era alvo de discriminação. Os sapateiros, eram vistos e rotulados como carnicheiros devido o manejo que os mesmos tinham com o couro dos animais, que era sua principal matéria prima para a confecção

de calçados- eram eles, que muita das vezes, matava os animais e retiravam o couro e faziam todo o processo de curtição do couro até ficar pronto para ser inserido na produção dos artefatos como matéria prima.

Com o fim da Idade Média e o advento da Idade Moderna, a prática de fabricação de calçados foi ficando mais sofisticada, devido o surgimento da industrialização, com máquinas e ferramentas que possibilitava um artefato mais elaborado e resistente, esse fator foi um avanço na produção de calçados.

2.1 O OFÍCIO DE SAPATERIO NO BAIRRO DO JOSÉ PINHEIRO.

O bairro em questão é desde muito tempo, uma referência no ramo calçadista, todavia, nosso recorte espacial nesse contexto, tem como ponto de partida a década de 1990 até os dias atuais. Muito embora, o cenário fabril do bairro principalmente na atualidade, não seja homogêneo, no que diz respeito à estrutura da produção dos artefatos, nesse sentido, nosso foco não será os grandes fabricantes de calçados, ou seja, empresários do setor calçadista da localidade, mas sim, o pequeno fabricante de fundo de quintal, os conhecidos pejorativamente por “Gangorreiros”.

Os gangorreiros são profissionais artesãos, aqueles que muitas das vezes sem estruturas alguma, se encontra produzindo, sobretudo de forma artesanal, sem maquinário adequado e sem um contingente de funcionários que auxilie na fabricação dos produtos, mas mesmo assim, montam um espaço no quintal das casas onde residem e começam a produzirem algumas dúzias de calçados (sapatos, sandálias e chuteiras) que são vendidos principalmente na feira da cidade, e também, a pequenos comerciantes de localidades circunvizinha, ajudando assim, no sustento da família e impulsionando a economia da localidade, apesar do pouco que se lucra com os artigos produzidos em suas gangorras ou oficinas, como são rotuladas as fabriquetas de fundo de quintal do bairro.

A feitura de calçados no bairro, sempre foi de grande importância para a localidade e, sobretudo, para aqueles que vivem da profissão e tem como sua principal fonte de renda o ofício, que muitas das vezes - tem sua habilidade no fabrico oriunda da herança familiar que já praticava a profissão anteriormente.

É bem verdade, que o calçado sempre foi um artigo necessário para compor qualquer vestimenta de uma pessoa, além de ser imprescindível para o bem estar do usuário, mas nem sempre os calçados tiveram esta conotação, ou foram restritos a essas duas finalidades mencionadas.

Os calçados em diferentes momentos da sua história teve uma finalidade que divergia em algumas sociedades, podemos afirmar que sua principal função era discernir a população opulenta, porque só as mesmas tinham tal privilégio, sendo assim, não podemos perder de vista que no Brasil principalmente no período em que nosso país era colônia de Portugal, nem todos podiam ter um par de calçados, uma grande parcela da população que não tinham acesso a calçados, e todavia, andavam descalços, a exemplo dos escravos.

Logo, para confirmar nosso ponto de vista, nos pautamos na compreensão de Maria Wissenbach afirma que

No dia seguinte ao decreto da libertação, negros e negras deixaram apressadamente os lugares onde tinham vivido durante longo tempo nas humilhações da escravidão e, das fazendas e sítios, afluíram em direção às cidades próximas. A maior parte desses novos cidadãos livres tinha pequenas economias. Ora, seu primeiro ato foi correr as lojas de calçados. A escravidão com efeito, não lhes dava o direito de se calçar, e parecia claro como o dia a essas bravas gentes que iriam se equiparar aos seus senhores de ontem usando como eles, botas e borzeguins. (WISSENBACH *apud* LE GOFFE, 1988, p.53)

Na citação acima, percebemos que o calçado de uma forma geral, sempre foi uma peça de grande valor representativo, além de ser um artigo voltado para a necessidade das pessoas, era um utensílio que “refletia” o poder de uma determinada camada da sociedade, ou seja, retrucava o padrão de vidas dos seus proprietários.

Na sociedade atual, principalmente no bairro em questão José Pinheiro, ainda vemos resquícios do passado no que diz respeito à imponência dos calçados utilizados pela população, que diz muito sobre o padrão de vida de alguns usuários, ainda hoje não no sentido da ausência, mas como nos séculos anteriores (XIX, XVIII, XVII...), que a maioria da população andava descalças no nosso país, hoje não se observar mais essa realidade.

O que nos remete ao passado é a simbologia dos calçados, que ainda hoje se faz presente, ou seja, na atualidade, a qualidade dos calçados, principalmente referente às grandes marcas que predominam no comércio, tem preços muito elevados impossibilitando o consumo desses produtos, logo- os que os têm, expressa uma certa “superioridade econômica” sobre os demais, nesse sentido, se percebe essa característica entre os próprios artesãos, que trabalham no fabrico de calçados do bairro, apesar de suas rendas serem bastante módica.

A maioria dos sapateiros, não consomem os próprios produtos que fabricam nas suas próprias fabriquetas, muitos deles, utilizam calçados das grandes marcas oriundas das grandes fábricas do sul, e até mesmo, de fora do país. Nesse cenário, vemos certa ostentação de poder econômico em relação aos demais artesãos, mesmo sendo todos conviventes da dura realidade da profissão.

Os “gangorreiros” do bairro têm por ventura, um viço na fabricação de calçados que dificilmente encontra-se em outro profissional, denodadamente, esses artesãos sobrevivem há décadas inseridas nesse contexto produtivo em condições precárias de produção, com adversidades que sempre foi pertinente a suas atividades no ramo calçadista do bairro.

As dificuldades econômicas, estrutural e também no que diz respeito à competitividade no mercado dos seus produtos com os mais sofisticados das grandes fábricas, sempre foram uma constata no dia a dia dos sapateiros do bairro José Pinheiro.

Dificuldades como: a estruturas das oficinas, ou seja, os pequenos espaços onde são montadas as oficinas, capital de giro que os fabricantes não

tem, os deixando limitados na questão financeira para implementação de artigos na sua oficina para uma melhor produtividade, até mesmo, na competitividade do mercado com os produtos dos grandes fabricantes que dispõe de recursos que os permitem confeccionar calçados com mais qualidades, diversidade e quantidade superior em relação às pequenas fábricas residenciais.

Os artífices do ramo calçadista do bairro não desistem do seguimento e continuam fortemente praticando a profissão, apesar de que: o bairro por sua vez, é ainda uma região com resquícios periféricos em termos de estrutura urbana, e as dificuldades para os fabricantes eram bastante gritantes no que diz respeito a material para a confecção dos artefatos e transportes para suas mercadorias, como também, para a venda da produção que era bastante limitada praticamente a feira central da cidade como já mencionamos em outrora.

O bairro de José Pinheiro, teve grande parte de sua história marcada por um cenário ruralista, com alguns de seus habitantes vivendo ainda da agricultura, principalmente nas décadas anteriores a 1990, com plantações em localidades circunvizinhas do bairro (sítios e fazendas), nesse sentido, o bairro foi uma localidade de poucas oportunidades de trabalho e que teve uma população que sobrevivia de pequenas atividades econômicas, entre elas o ofício de sapateiro.

O ofício de sapateiro existiu e ainda existiu paralelamente as demais atividades econômicas no bairro durante muitas décadas, e é consideravelmente uma das mais antigas profissões da localidade que atravessou gerações e gerações, e heroicamente uma das únicas que sobrevivem até hoje.

O ofício de sapateiro, por ser uma atividade econômica que o profissional não precisa ter um grau de escolaridade elevado, acarretando numa facilidade em exercer este ofício, pois não se tem uma exigência intelectual, já que se trata de uma atividade artística, que é executada com

sentimentos fraternos pela arte, desprovida de conhecimento científico. Nesse sentido, Teresa Malatian nos ressalta que a

[...] produção de calçados aparece nos relatos associados não só ao domínio do saber, da técnica, pelo trabalhador, mas também como algo prazeroso, que resulta da associação entre trabalho e arte, e consequentemente do bom sapateiro ao artista. (MALATIAN, 1996, p.198)

Muitos dos sapateiros e de seus ajudantes, que compõe as fabriquetas de fundo de quintal, são na maioria são alfabetizados, sabem ler e escrever e muitos outros, são analfabetos, mas é bem verdade, que nessa gama de trabalhadores, existem aqueles que terminaram seu ensino médio, mas por ventura, se encontram interligados a profissão de sapateiro e não almejam outra atividade enquanto profissão.

A mão de obra encontrada nas pequenas fábricas é constituída, por integrantes da mesma família, ou seja, são os próprios membros da família que se amalgamam nas fabriquetas de fundo quintal, geralmente na própria residência, em prol do fabrico dos calçados, que por sua vez, é uma atividade econômica primordial para o sustento familiar no bairro em questão.

O depoimento da sapateira, Alessandra Araújo do Nascimento é pertinente a nossa percepção sobre a atuação de membros das famílias inseridos no contexto calçadista do bairro

Eu trabalho na oficina do meu pai faz muito tempo (...) desde que ele iniciou no ramo calçadista, eu comecei ajudando ele na fabricação de calçados numa oficina que fica na minha própria casa, um pequeno espaço elaborado pelo meu pai, aprendendo a fazer algumas tarefas como, por exemplo: colar as peças das sandálias que agente fabricava e outros serviços mais (...) era uma aprendiz de sapateiro, mas hoje, já sei fazer muitas coisas dentro da oficina. Mesmo sendo estudante universitária, eu sempre associe meus estudos com a atividade de sapateiro junto com meu pai na nossa fabriqueta, ou seja, exercendo o ofício de sapateiro- cheguei a mim forma, mas não quis exercer a profissão na qual me graduei na universidade, estou até hoje no ramo do calçados amo muito o que faço (risos...). (A. A. N. - pesquisa de campo, 13 mar. 2013)

Como podemos perceber, a profissão de sapateiro é quase que uma atividade familiar em toda a sua história, identificamos a presença de componentes familiares no processo de fabricação de calçados no bairro em estudo desde os primórdios das atividades calçadistas da localidade.

É bem verdade, que em muitas das fabricas de fundo de quintal, se via famílias inteiras (filhos e esposas) inseridas no fabrico de calçados principalmente na ultima década do século XX, mas toda via ainda se faz presente em pleno século XXI em muitas das fabriquetas, constituindo o contingente de auxiliares na fabricação dos calçados, e, sobretudo, fazendo parte da profissão enquanto aprendizes.

Os membros das famílias são de suma importância para as fabriquetas, principalmente no começo das atividades das mesmas, porque como já vimos, os recursos dos proprietários das oficinas são bastante escassos, nesse sentido, a mão de obra familiar, substitui um profissional que na oportunidade, iria almejar um salário que não seria compatível com as condições do artesão, mão de obra essa, que os artesãos sapateiros, não teriam condições econômicas de obter para seu processo produtivo.

Os sapateiros do bairro do José Pinheiro começavam muito cedo no ofício, era uma das atividades que absorvia mão-de-obra de “todas” as idades, até mesmo, por se tratar de uma atividade econômica que não exigia esforço físico, nesse contexto, facilmente se encaixava a presença dos filhos dos artesãos, muitos deles, estudavam um período do dia em escolas que ficavam no próprio bairro, e no outro turno do dia, ajudavam o pai na atividade manufatureira calçadista, não podemos esquecer, que em plena atividade produtiva, mesmo sendo composta por membros da mesma família, sempre se fez presente a figura do artesão sapateiro que é responsável por todo o processo produtivo, desde o corte da matéria prima, até a montagem dos calçados.

Geralmente o dono da oficina é o próprio sapateiro que se faz presente em toda fabriqueta de fundo de quintal, por ser o idealizador da produção do

calçado, ele tem todo o domínio do processo produtivo, chegando até mesmo executar uma respectiva função quando da ausência de um ajudante em sua oficina.

A figura do artesão responsável por todo o processo dentro da fabriqueta é na sua própria essência o fundamento da fabricação inicial da atividade de um artesão sapateiro, com suas ferramentas (couro, cola, formas de calçado, martelo, broxas ou pregos, maquina de costura, navalha ou faca, etc...)

Vale salientar que, geralmente, um artesão que vai começar a trabalhar nesse seguimento é imprescindível ressaltarmos, que esse comportamento produtivo rudimentar é específico aos pequenos fabricantes pertencente os de fundo de quintal, começam dessa forma, bastante simples e com pouco recurso material.

Esse modo, inicial de fabricação foi percebido por nós em toda década de 90 no bairro em questão, muito embora, essa prática de fabricação inicial mais rudimentar ainda se faça presente até os dias de hoje, ou seja, ainda existem oficinas que inicia suas atividades dessa forma, que por ventura, começa uma atividade fabril sem desfrutar de tecnologia avançada, de maquinários modernos etc., e sim, de ferramentas simples que permitem o sapateiro a produzir de forma limitada seus produtos manufaturados.

Podemos observar, que os pequenos fabricantes desde cedo já começam enfrentar dificuldades, em todos os sentidos, ou seja, começavam com uma pequena fabrica com seu trabalho manual e buscando agradar a clientela do bairro.

2.2 A ARTE DE FABRICAR

Os sapateiros do bairro de José Pinheiro merecem um reconhecimento notável pela sua arte de fabricar calçados. Esses artistas do couro sobrevivem em meio às dificuldades da profissão de forma impenitente.

Dos anos noventa até os dias atuais, se percebe que as práticas dos artesãos não mudaram muito, assim como na última década do século XX - ainda se vê os sapateiros artesãos, trafegando pelas ruas do bairro a procura de matéria prima nas casas comerciais da localidade, que vendem artigos para calçados, na sua grande maioria sem utilizar meio de transporte, quando da utilização do mesmo, se observa uma bicicleta com bagageiro para transportar o pouco de material adquirido com muito esforço devido à carência financeira vivida por eles, ou até mesmo, com um carrinho de mão (carroça).

Com o material em mãos, muitas das vezes de segunda qualidade, e comprado na maioria das vezes, pejorativamente falando, “fiado”, ou seja, para pagá-lo no final do mês ou quando vender os calçados produzidos com o material adquirido. Mas, mesmo diante das dificuldades a alegria é visível no rosto dos artesãos, porque produzir seus artefatos e ganhar dinheiro e conseguir o sustento da sua família através da sua arte se torna prazeroso, pagar os materiais comprados para a produção e os seus ajudantes, que na maioria das vezes, não passa de um a no máximo três, quando se faz presente a mão de obra familiar.

Diante do material a ser moldado em suas fabriquetas, o sapateiro inicia valentemente a separação do material de acordo com sua função e finalidade para constituir o calçado, que por sua vez, já estar idealizado em moldes, modelos esses: copiados muita das vezes pelos próprios sapateiros artesãos de revista de moda do seguimento, sem o auxílio de um design profissional.

O material é posto em uma pequena bancada de madeira, muitas das vezes, feitas com resto de tábuas reaproveitadas, porque, o artesão - não dispõe de recursos para comprar bancadas feitas de ferro, por ter um custo muito elevado- não condizente com sua situação econômica. Em sua humilde bancada de madeira, o artesão com a modelagem em mãos efetua o corte

munido de uma navalha ou faca como eles á chamam, do material - que pode ser couro ou outros.

Ao término do corte das peças que vão servir para compor o calçado, estas vão para outra bancada, mas, em algumas oficinas, permanecem na mesma banca, devido o espaço minúsculo da maioria das fabriquetas. As peças passam por um processo manual de colagem e, sobretudo, a aderência de outras partes mais finas de material nas mesmas, que são identificadas no processo produtivo, como: forros. Essas peças adicionais ficam, geralmente na parte inferior das peças superiores do calçado, estas por sua vez, terá contato constante com o pé do usuário até o fim da vida útil do calçado.

Outro processo é imprescindível para a concretização da junção das peças que compões um calçado, seja ele qual for (sapato, sandália, botas etc..), é a execução da costura- realizada na maioria das vezes, pelos próprios artesãos, devido o elevado preço da mão de obra dos costureiros, que impossibilita o pequeno fabricante de possuí-la, e a escassez da mesma, que se torna um fator condicionante para a ausência desses profissionais nas pequenas fabriquetas do bairro em questão.

A costura no artefato, e determinante no que diz respeito à feitura estrutural do calçado. Muito embora a estrutura do calçado já se encontre fixada sobre as demais peças periféricas devido à colagem, a costura vai auxiliar na fixação mais duradoura do produto e, além do mais, vai contribuir para um bom acabamento, realçando a modelagem e, sobretudo, a durabilidade dos artefatos.

Terminada a costura, a peça se encontra pronta para a montagem, logo- o artesão a encaminha para a bancada de montagem, onde se encontra o montador, ou solador como é conhecido o profissional responsável pela montagem, mas na maioria das fabriquetas, o próprio artesão se encarrega de montá-la, devido á falta de condições econômicas para contratar um profissional com habilidade para tal. A montagem é o momento em que o montador coloca a estrutura do calçado na forma junto com a palmilha, que é um acessório onde as bordas da estrutura do calçado são coladas e fixadas, e

em seguida, é anexado o solado, que por ventura, antes de ser acoplado na montagem, é aquecido em uma estufa, que às vezes é confeccionada pelos próprios sapateiros artesãos.

Quando se termina a montagem, precisa-se passar por uma máquina que prensa o calçado que se chama de prensa ou sorveteira, na ausência da mesma, o calçado é prensado manualmente pelo artesão com o auxílio de um martelo. O processo de prensagem é fundamental para fixar todas as partes que forma o calçado, inclusive o solado para com a peça, nesse sentido, toda a estrutura do artefato que se encontra sobre a fôrma mais o solado, todavia é prensado- auxiliando assim, a fixação da cola nos compartimentos do artefato.

É bem verdade, que o processo produtivo de um calçado, não se termina com a conclusão da montagem, logo após o artefato ser montado pelo solador, ele vai para o momento final de sua feitura: o acabamento. No processo de acabamento, o artefato é inspecionado cuidadosamente pelo responsável, afim de que, não seja passado para o cliente final, nem uma irregularidade ou anomalia contraída no momento produtivo do artefato.

Na inspeção do produto final, é minuciosamente analisada toda a montagem e estrutura do produto: colagem, a costura, solados, acessórios, numerações etc. Ao fim da análise sobre o produto, os calçados são separados de acordo com o modelo cor e numeração, só depois quando passados por esses critérios, os artefatos são encaixados, em caixas adequadas para cada tamanho e modelo, e só assim, estarão prontos para serem vendidos- tanto nos comércios locais como para outros mercados consumidores, a exemplo das cidades circunvizinhas.

No nosso ultimo capítulo: *As fabriquetas de calçados*, abordaremos as questões relativas às estruturas das fabriquetas, as dificuldades que essas gangorras passam no dia a dia param se manter em atividades. Outra discussão presente neste capítulo é a presença feminina na produção dos artefatos, e as oficinas como espaço de sociabilidade.

3 AS FABRIQUETAS DE CALÇADOS NO BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO

Quando se fala de fabricas de calçados na cidade de Campina Grande, logo se remete as pequenas fabriquetas de fundo de quintal do bairro de José Pinheiro, a afirmação é muito mais do que verdadeira, porque, além de ser um bairro com a maior concentração de profissionais que trabalham com calçados, é também, uma localidade que, por sua vez, é precursora na confecção calçadista da cidade.

As pequenas fabriquetas de fundo de quintal, que também são conhecidas como sapatarias, se concentram geralmente nos quintais das residências dos próprios artesãos. As oficinas, que também são chamadas assim, por causa de pequenos concertos que os artesãos realizam para seus amigos e vizinhos- são ambientes pequenos e desorganizados, onde no seu interior, encontra-se resto de matérias espalhados pelo chão, paredes mau pintadas e iluminação precária - as fabriquetas geralmente são ambientes mau cuidados sem conforto para o sapateiro realizarem sua profissão.



FOTO 04 Fabriqueta de fundo de quintal **Fonte:** Vanderley B. de Souza- 2012

Na foto acima, podemos observar a localização de uma fabriqueta que o ambiente externo de uma sapataria faz parte do fundo (quintal) de uma residência percebe-se que é um lugar onde não se tem uma estrutura conservada; a pintura já não se encontra num bom estado, as paredes com um acabamento já deteriorado, o telhado composto por telhas em péssimo estado de conservação, a entrada da oficina, não dispõe de uma porta, ou portão que impeça o acesso de pessoas indesejadas, ou até mesmo, que proteja os artesãos da chuva e do sol.

No interior de uma fabriqueta, além da desorganização, nota-se, sobretudo, as paredes compostas por retalhos de jornais e revistas, com imagens de time de futebol, que é anexadas pelos próprios sapateiros, como nos assevera o sapateiro Marilucio Santos Lucio, conhecido como “pardal”: “os sapateiros gostam muito de futebol, ai no lugar onde eles ficam trabalhando dentro da oficina, eles gostam de colar fotos de seu time na parede(...) de todos os times que eles gostam”.

Destacamos que as pequenas fabriquetas do bairro, num contexto geral, se assemelham muito uma com a outra - na grande maioria delas, inferimos a ausência de arquitetura que exale segurança e comodidade para os artesãos que nela trabalham os próprios artesãos, não são idosos com suas sapatarias, até mesmo porque, o ganho que se obtém no fabrico de calçados em uma pequena fabriqueta, desprovida de tecnologia, que proporcione uma produção em grande escala e muito módico, é não dar para investir na estrutura da fabriqueta.

As fabriquetas do bairro, também são rotuladas de “Gangorras”, devido os momentos oscilantes dos lucros. Ao ser indagado sobre o verdadeiro sentido dessa nomenclatura, que as oficinas recebem o proprietário de uma fabriqueta no Bairro José Pinheiro, Valderez Silva Barreto nos diz que

Chamamos de gangorras, as fabricas de fundo de quintal, porque elas são como uma gangorra mesmo, no inicio do ano, elas estão lá

em baixo, ou seja, não produz nada (...) porque de Janeiro até a metade do ano, nos não vendemos quase nada, ai não temos dinheiro nem para comprar material para fabricar. Agora lá para o meio do ano, em junho mais ou menos, começamos receber pedidos, ai agente compra material, até mesmo fiado, e começa a fabricar e vende (...) ai sim, começa o tempo bom, onde a gangorra vai lá pra cima porque começa entrar dinheiro no bolso(risos). (V. S. B. - pesquisa de campo, 23 set. 2013)

Portanto, podemos observar no depoimento do artesão, que as pequenas fabriquetas passam por problemas econômicos gritantes, em determinadas épocas do ano, a falta de capital de giro é uma constante nas gangorras nos primeiros meses do ano - devido às baixas nas vendas de seus produtos - as dificuldades econômicas das quais são vítimas as pequenas fabriquetas, deixando-as impossibilitadas de se modernizarem e, todavia, alcançarem altos patamares competitivos no mercado calçadista, vindo assim, a atender em grande escala a demanda do mercado.

É bem verdade, que com poucos recursos, as fabriquetas de calçados continuam funcionando de forma bastante rudimentares. A simplicidade dos artesãos que são na sua grande maioria pessoas do mesmo bairro, e que, todavia, são pessoas humildes de baixa renda, que sobrevivem da profissão de sapateiro no interior das gangorras de fundo de quintal. Podemos perceber a audácia da profissão diante de tantas dificuldades enfrentadas por essa profissão, ver fotografia abaixo:



FOTO 05 Parte interna de uma fabriqueta de fundo de quintal. **Fonte:** Vanderley B. de Souza-2012

Os artesãos que trabalham no ramo calçadista do bairro José Pinheiro, nas fabriquetas de fundo de quintal - são pessoas de poucos recursos econômicos e exercem seu ofício de forma bastante simples. Diferente das linhas de produção das grandes fábricas, que é exigido, sobretudo, uma vestimenta padronizada entre os funcionários, que identifique sua função e setor de trabalho, os sapateiros das fabriquetas, não segue essa norma, cada um dos artífices, trabalham da forma que acham melhor.

Não tendo uma exigência por parte do artesão chefe, no que diz respeito à padronização das roupas de trabalho, os sapateiros das gangorras, trabalham com roupas de diferentes modelos: geralmente, os artesãos executam suas tarefas vestidos de shorts, camisetas e, calçados com uma sandália básica.

Constatamos que não existem fardamentos entre os profissionais das fabriquetas de fundo de quintal, as vestimentas para o exercício da profissão são as próprias roupas que muitos deles, devido suas condições financeiras,

utilizam no dia a dia. É visível também, a falta de equipamento de segurança que venha protegê-los de um eventual acidente de trabalho.

É bem verdade, que os artesãos resistem ao uso de fardamentos convencionais, devido ao mal estar que uma farda pode proporcionar no ambiente das fabriquetas aos sapateiros, até mesmo porque, os artesãos são acostumados a trabalharem nas oficinas com poucas peças de roupa, devido o calor excessivo que se faz presente no interior das gangorras como nos conta o sapateiro João Carlos Dias Filho, mais conhecido como “bacia”

[...] usar farda é muito ruim (...) é quente demais as sapatarias são muito pequenas, é tudo apertado e cheio de troços (...) agente não trabalha a vontade não! por um lado é bom, porque agente poupa nossas roupas de usar em casa, “mai” (sic), eu não gosto não, só uso pra “trabaiá” (sic), calção, camisa e chinelo, que é melhor, às vezes agente tira até a camisa (...) às vezes vou com camisa de time para tirar onda com os outros sapateiros que gosta de outros times, ai é resenha o dia todo, se fosse de farda, agente não “podia” (sic) usar outra camisa não, só era a farda, ai fica muito difícil de “trabaiá” (sic), (risos”). (J. C. D. F. - pesquisa de campo, 09 ago. 2012)

A ideia de utilização de fardamento nas pequenas fabriquetas por parte dos artesãos, não é interessante para os mesmos, até mesmo porque, como percebemos o interior das oficinas, não dispõe de infraestrutura adequada para uma melhor comodidade para os artesãos, ou seja, os próprios ambientes dessas gangorras não proporcionam um bem estar aos artesãos.

As sapatarias são pequenos espaços sujos e mal arejados, por isso: os sapateiros preferem vestimentas que deixe o corpo mais vulnerável à ventilação, e que os proporcionem mais condições para se locomoverem nos espaços das oficinas, que na sua grande maioria, se encontram obstruídos por resíduos utilizados na própria produção, dos calçados.

É bem verdade, que uma oficina, mesmo sendo um lugar, desprovido de revestimentos modernos, e por sua vez, não proporcionar conforto e segurança para quem às habitam, é sem dúvida, o lugar que um artesão se sente mais

realizado em estar, porque, a sapataria é seu lugar de trabalho, e representa muita das vezes, toda sua história de vida na profissão.

3.1 A PRESENÇA FEMININA NAS FABRIQUETAS

Durante o nosso processo de investigação/pesquisa sobre os sapateiros, podemos afirmar que a mão de obra é predominantemente masculina, até mesmo porque, os precursores do ofício no bairro em estudo são homens e chefes de família, notas-se, que o bairro tem característica patriarcal como à grande maioria das sociedades onde tem a figura masculina como sujeito superior ao sexo oposto, onde “a primazia e o privilégio masculino na ocupação de posições sócias de mando, tem sustentando uma crença a respeito da superioridade dos homens diante das mulheres” (NOLASCO, 1995, p.31).

Todavia, apesar da predominância do sexo masculino no fabrico de calçados no bairro José pinheiro, em todos os setores das fabriquetas de fundo de quintal (administração, produção e venda dos produtos já confeccionados), nota-se gradativamente nesse contexto a presença de mulheres compondo o quadro de funcionários nessas oficinas.

É bem verdade, que o número de mulheres que exercem a profissão é bastante inferior ao dos homens, devido a uma questão histórica da profissão, que era uma prática artesanal exercida como meio de sobrevivência entres os chefes de famílias da localidade. Ver foto abaixo:



FOTO 06 Sapateira em atividade. **Fonte:** Vanderley B. de Souza- 2012

Ao longo da nossa pesquisa, não constatamos a presença feminina como proprietária de oficinas de fundo de quintal, ou exercendo uma função administrativa nas gangorras, a grande maioria da mão de obra feminina, tem o papel de auxiliar os artesãos com pequenos serviços, como por exemplo: no acabamento final dos produtos dos artefatos, como vimos na foto acima, como também, na embalagem dos mesmos. Nesse sentido, segundo (COSTA, 2003) *apud* (THOMPSON, 2001): “[...] há períodos históricos inteiros em que um sexo foi negligenciado pelo historiador, pois as mulheres são raramente vistas como atores de primeira ordem na vida política, militar ou mesmo econômica”.

Assim, que a figura feminina foi em grande parte da sua história, mantida no esquecimento dos estudos historiográficos, sem terem sua presença redigida e explicitada nos relatos históricos, ou seja, não foram incluídas como sujeitos da história, com seus valores e suas contribuições, principalmente no campo econômico das sociedades das quais fazem parte.

No cenário calçadista do bairro, não podemos cometer os erros históricos de outrora (esquecimento da figura feminina no contexto histórico

das sociedades ao longo do tempo). Portanto, muito embora nas pequenas fabriquetas de calçados do bairro de José Pinheiro as mulheres ainda se encontrem exercendo funções de menor expressividade, todavia, o número de sapateiras só tem crescido nas oficinas de fundo de quintal.

O sexo feminino na linha de produção das oficinas tornou-se imprescindível para a produção de calçados, devido habilidade minuciosa que as mulheres têm com os artefatos. Elas foram ganhando espaço no mercado calçadista do bairro em muitas das oficinas, são responsáveis por executar seu trabalho com competência principalmente no setor de acabamento, onde o produto passa por uma revisão final, como nos afirma a sapateira Vera Lucia Barreto na sua fala

As mulheres em uma oficina, são aproveitadas principalmente no acabamento dos produtos, porque nós somos mais jeitosas (risos) com o acabamento (...) exigem mais carinho e dedicação com a peça final, não pode passar nada de errado na peça do calçado final, porque depois, agente coloca na caixa e entrega ao comprador, já homem, não tem esse cuidado. (V. L. B - pesquisa de campo, 27 out. 2013)

É nessa função que as mulheres se sobressaem melhor do que os homens, devido à exigência que os retoques finais necessitam. As mulheres, por sua vez, exercem essa função com maestria, devido à delicadeza e a capacidade de perceber qualquer irregularidade nos produtos, na hora da inspeção.

A mão de obra feminina é bastante vantajosa para as fabriquetas: elas são competentes, atenciosas na hora de executar sua função e, sobretudo, são pontuais, quase não faltam ao trabalho, são mais pacientes nas horas das adversidades no setor de trabalho e compreensivas diante das ordens do artesão proprietário.

3.2 AS OFICINAS COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

O espaço das fabriquetas de calçados do bairro de José Pinheiro vai além da sua finalidade principal - que é o fabrico de calçados- além de ser um ambiente de muito trabalho e de artesãos irmanados exercendo seu ofício, sobretudo empenhados na elaboração dos artefatos, as oficinas são também, um território onde os artesãos costumam receber seus clientes (os compradores dos artefatos), e amigos.

Quase todos os dias, principalmente nas sextas feiras, as fabriquetas ficam repletas de amigos dos sapateiros, as conversas paralelas ao trabalho que estar sendo executado é uma constante. Todos, inclusive o artesão proprietário da fabriqueta, participam dos diversos assuntos conversados no âmbito da gangorra, onde se ouve de tudo um pouco, como nos ressalta a sapateira Adriana Pereira de Andrade

A sapataria vira uma festa nos últimos dias da semana, no meio do trabalho chega os outros sapateiros amigo do dono (...) ai já chega conversando e logo se senta e começa a puxar assunto... geralmente é sobre futebol, e bebedeira, mas o que eles ficam esperando “mermo” (sic) e que termine o trabalho pra irem beberem, mas tem outros assuntos como também, sobre mulheres, ai o negocio é quente, mais quando tem mulher trabalhando eles nem falam muito no assunto, mais conversam de tudo, até sobre a vida dos outros (risos). (A. P. A. – pesquisa de campo, 26 set. 2013)

Destacamos que os sapateiros que adentram nas oficinas, são artesãos do ramo calçadista do bairro e conhecidos por todos os sapateiros, e que as oficinas- são também, lugares de encontros de amigos e de diversão. Nas gangorras, os artesãos associam o trabalho com muitas brincadeiras e assuntos do cotidiano, sempre que começam as atividades, não tarda para um dos artesãos, desferir uma piada, para com os colegas de trabalho, e começar as zombarias entre os demais, seja com um apelido, uma afronta por causa de futebol ou até mesmo assuntos pessoais, pois, segundo E. Hobsbawm (1987, p.149)

É muito curioso que para cada tipo de ofício suja, nos artífice que o exercem, um caráter específico, um temperamento especial. Um açougueiro geralmente é sério e cômico de sua própria importância, o pintor de paredes é descuidado e devasso, o alfaiate é sensual, o quitandeiro, curto de inteligência, o porteiro curioso e tagarela, o sapateiro e o remendão, finalmente, são alegres, por vezes até animados, sempre com uma canção nos lábios. (HOBBSAWM, 1987, p.149)

Nota-se que é característica do sapateiro nas pequenas fabriquetas de fundo de quintal, é principalmente, o bom humor inerente a cada um deles no contexto da profissão. Não é comum, encontrar nas oficinas um clima mórbido entre os artífices, a alegria sempre estar estampada no rosto de cada artesão.

Apesar de alguns sapateiros, principalmente por serem novatos na profissão, esbanjar um comportamento enigmático nos primeiros dias em que começam a praticarem o ofício, mas, em poucos dias, já caem no clima de animação dos demais e começam a participarem dos momentos de zorra entre os companheiros de trabalho.

Muito embora as gangorras sejam um ambiente de trabalho, associados a conversas e brincadeiras paralelas, o respeito aos companheiros de trabalho, e a dedicação à feitura dos artefatos, são virtudes pertinentes aos sapateiros do bairro José Pinheiro, todavia, não constata-se nem um comportamento truculento entre os artesãos- a amizade, a animação e a alegria, são sobretudo, a identidade desses profissionais quando estão exercendo seu ofício.

Os sapateiros na sua grande maioria cultivam um hábito bastante pertinente a classe - muitos trabalham a semana inteira esperando o final de semana para se divertirem, sendo - um dos principais assuntos, depois do futebol a ser discutidos no interior das fabriquetas durante toda a semana,

A diversão da maioria dos sapateiros é nos pequenos botecos que existem no próprio bairro, grande número de sapateiros se reúnem todos os finais de semana (sextas, sábados e domingos), onde emergem vários assuntos e temas, principalmente o futebol, que é um assunto que, por sua

vez, perpassa o final de semana nos botecos e só vai terminar na segunda feira na oficina.

O dia da segunda feira nas sapatarias é bastante difícil para os artesãos que comparecem para exercer seu ofício, muitos deles trabalham ressacados da bebedeira do final de semana, outros nem comparecem para trabalharem, impondo um comportamento transgressor para com seu ofício, devido á farras do final de semana, “Esse ritmo irregular e comumente associado com bebedeiras no final de semana (...) mas até o mais sóbrio e disciplinado dos artesãos podia sentir a necessidade dessas alternâncias de ritmo”. (THOMPSON, 1998, p.283)

As diversões à base de muita bebida alcoólica são pertinentes aos profissionais das pequenas fabriquetas, muitas das vezes, os artesãos proprietários das oficinas, assim como os demais sapateiros, também exageram na bebedeira. O artesão dono da gangorra, devido à ressaca da bebedeira não abre sua fabriqueta para trabalhar no dia da segunda feira, até mesmo por que: muitos dos sapateiros não se fará presente na oficina.

Outro lugar, onde os sapateiros gostam de se divertir, são nos campos de pelada, jogando bola, ou até mesmo, assistindo seus companheiros jogarem nos finais de semana, mais precisamente no domingo, e como é de praxe, uma dose ou outra, se faz presente no paladar dos sapateiros durante e depois das partidas.

Nas gangorras, a partir da segunda feira, os assuntos mencionados nas oficinas, é todo pautado nos eventos ocorridos no final de semana; bebedeiras e futebol são temas que duram praticamente a semana interia, com nos afirma o artesão Perineves Silva Barreto

Eu era dono de uma gangorra, e sei como é a segunda feira, agente chega na oficina já sente logo a catanga de cana “todo mundo” de ressaca(...) as vezes até eu estava também(risos),ai as conversas rolam soltas, falando das festas e de futebol, é o dia “todi”(cic),dentro da oficina(...) sapateiro é assim “mermo” , “as peste bebe”de “mai omi”(cic). Sempre foi assim (...) hoje em dia ainda continua a “merma”(sic) coisa, as vezes eles “bebe”(cic) até dentro da oficina(...)

trabalhando e tomando uma(risos). (P. S. B – pesquisa de campo – 28. Out. 2013)

Observa-se, que os sapateiros regam suas diversões à base de muita bebedeira, nos finais de semana, e que o assunto preferido desses artesãos é o futebol. Entretanto, nas pequenas fabriquetas de fundo de quintal, independente do ocorrido no final de semana, todos os artesãos assumem seu ritmo normal na produção, e todos, executam seu ofício da melhor forma possível.

Nota-se que as oficinas, não têm só a finalidade de produzir calçados, ela também, é um ambiente, onde os artesãos podem expor opiniões, e debater assuntos pertinentes ao seu dia-a-dia, é, todavia, um lugar onde se amalgama pessoas simples e felizes, um ambiente de sociabilidade, que por sua vez, produz amizades entre as pessoas que nele habitam ou visitam- onde se observa artesãos ludibriando a realidade dura da profissão, e impenitentes para com seu ofício.

CONCLUSÃO

Diante da realização deste trabalho, percebemos que o bairro do José Pinheiro, é um dos mais antigos da cidade de Campina Grande, e é um dos mais importantes economicamente falando. Seu comércio é bastante atrativo e frequentado por pessoas de diversos patamares econômicos da sociedade Campinense, tendo como atração principal, a fabricação e venda de calçados.

Nesse sentido, verificamos que o ofício de sapateiro no bairro de José Pinheiro, é uma das primeiras atividades manufatureira exercida pela população do bairro. Todavia, essa atividade econômica, se fez presente na cultura da localidade se tratando de uma atividade de subsistência para as famílias que tem como fonte de renda, a feitura de calçados.

A partir das análises dessa prática econômica, percebemos que uma das principais características do bairro, estar pautada na confecção de calçados, é que a maioria dos moradores desse bairro está inserida na produção calçadista, que durante muito tempo impulsionou a economia da localidade, e que: por sua vez, os artesãos se sentem realizados em fazerem parte deste ofício, e sentem identificados como sapateiros do bairro.

Diante da realidade deste ofício, podemos afirmar que o vínculo com a confecção de calçados de algumas famílias que moram no bairro, é muito forte. Muitos deles, nunca exerceram outra atividade econômica, que não seja, o ofício de sapateiro. Muito embora seja uma atividade de pouco retorno econômico para as pequenas fabriquetas de fundo de quintal, até mesmo porque, elas dispõem de pouco capital e mão de obra, o ofício tem um grande significado para os artesãos, principalmente pela sua dignidade enquanto profissão.

O nosso trabalho teve como finalidade, apresentar a história e ofício do profissional sapateiro do Bairro de José Pinheiro que praticam a arte de fabricar calçados.

É bem verdade, que as narrativas dos personagens que exalavam as verdades sobre as particularidades desses artistas do couro, contribuíram consideravelmente, para nossa pesquisa, todavia, além de serem profissionais no ramo calçadista são também detentores da memória, porque como afirma Neves (1998): “A memória, como substrato da identidade, refere-se aos comportamentos e às mentalidades coletivas, na medida em que o relembra individual e encontra-se relacionado à inserção histórica de cada indivíduo” (NEVES, 1998, p.527).

Nesse sentido, os sapateiros entrevistados, são detentores da memória da prática dessa atividade econômica do bairro de José Pinheiro, onde essa memória, ou seja, essas lembranças das particularidades do ofício é um dos fatores imprescindível para manter viva a história do ofício, e também, como proteção da identidade dos artesãos e de seu ofício, pois “a memória coletiva é

não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder.” (LE GOFF, 2003, p.470).

Logo, podemos inferir que: a memória dos personagens que foram escolhidos para as narrativas, ressaltou as particularidades do ofício de sapateiro no bairro de José Pinheiro, de forma fundamental para redigirmos nosso trabalho que deu notoriedade a essa profissão, e a esse grupo de trabalhadores (os sapateiros).

Com esse trabalho de pesquisa, acreditamos ter apresentado uma contribuição significativa para essa profissão e os profissionais que habitam o bairro de José Pinheiro e, que por sua vez, venha a atender a necessidades de pesquisas posteriores, que por ventura, venham a surgir, partindo de inquietudes sobre o assunto em questão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Jair Barbosa. **O algodão de Campina Grande**: Uma discussão acerca dos livros didáticos de história. Campina Grande: Agenda, 2006. p.96

ARENDT. H. **A vida do espírito**. Rio de Janeiro, Rekume Dumará, 1995.

AUED, Bernardete Wrublevski. **Histórias de profissões em Santa Catarina**: ondas largas “civilizadoras”. Florianópolis: Ed. do autor, 1999.

BOBBIO, Norbert. **O tempo da memória**. São Paulo, campus, 1997.

COSTA, Suely Gomes. **Gênero e história. Ensino de História**: Conceitos, temáticos e metodológicos/ Martha Abreu e Rachel Soihet (Orgs.) Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.

GURJÃO, Eliete de Queiroz, **O bairro de José Pinheiro**: ontem e hoje. Jc ~ Pessoa PB, Secretaria da Educação e Cultura 1999.

HOBBSAWM. E. **Mundos do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1987.

JACOBS. J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da cidade**. Arte e comunicação. São Paulo: edições 70, 1980.

MALATIAN, Teresa Maria. Memória e identidade entre Sapateiros e cutumeiros. São Paulo, 1996. Apude HOBBSAWN, Eric e SCOTT, Joan W. "Sapateiros Politizados". In: **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 149.

NEVES, L. de A. "A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista." In: **International Oral History Conference**. Rio de Janeiro: CPDOC, FIOCRUZ, 1998.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

RODRIGUES, José Edmilson *et all*. **Memorial Urbano de Campina Grande**. Paraíba/prefeitura de Campina Grande, 1996, p. 281

RODRIGUES, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil**. 3 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e Capitalismo Industrial. In: **costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

_____. "Folclore, antropologia e história social". In: **As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. UNICAMP. 2001, p. 227- 268. 2003.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão á liberdade: dimensão de uma privacidade possível. In: **História da vida privada no Brasil**/ coordenador- geral da coleção Fernando A. Novais; Organizador do volume Nicolau Sevckenko. – São Paulo: Companhia das letras, 1998. – (história da vida privada no Brasil; 3).

FONTE ORAL

Entrevistados

Adriana Pereira de Andrade. Entrevista oral em 23/ 09/13. Campina Grande/ PB.

Alessandra Araújo do Nascimento. Entrevista Oral em 13/03/13. Campina Grande/ PB.

Domingos Basílio. Entrevista oral em 07/06/12. Campina Grande/ PB.

Edivaldo Almeida de Souto. Entrevista oral em 07/11/2011. Campina Grande/ PB.

João Carlos Dias Filho. Entrevista oral em 09/08/12. Campina Grande/ PB.

Marilucio Santos Lucio. Entrevista oral em 08/11/13. Campina Grande/ PB

Perineves Silva Barreto. Entrevista oral em 28/10/13. Campina Grande/ PB.

Valderez Silva Barreto. Entrevista oral em 23/09/13. Campina Grande/ PB.

Vera Lucia Barreto. Entrevista oral em 27/10/13. Campina Grande/ PB.